

22 e 23 de janeiro de 2026
NOVA-FCSH | Formato Híbrido
Campus da Avenida de Berna

ESCUTAR A SOCIEDADE

VII Jornada Música, Media e Públicos
em Portugal - 1974 à atualidade

LIVRO DE RESUMOS

Agradecemos o apoio, a colaboração e a inspiração de colegas, estudantes e amigos que, de múltiplas formas, contribuíram para que estas Jornadas se tornassem possíveis e ganhassem pleno sentido.

Organização:

SociMus - Núcleo de Estudos Avançados em Sociologia da Música, CESEM - Centro de Estudos em Música, Projeto “Música, Media e Públicos em Portugal de 1974 à atualidade”

<https://cesem.fcsh.unl.pt/nucleo/socimus/>

Direção Científica:

Paula Gomes-Ribeiro

Comissão Científica:

André Malhado, Jorge Martins Rosa, Mariana Calado e Rui Magno Pinto

Representante da Equipa da Gestão de Ciência do CESEM:

Ana Sofia Malheiro

Comissão Organizadora:

Marta R. Pereira (coord.), Ângela Flores Baltazar, Rafaela Jordan e Sara Maia

Comissão de Apoio:

Gustavo Silva, Lúcia Gaspar e Simão Quinta

Moderadores:

Cristiane Nogueira, Ernesto Donoso Collado, João Figueiredo Costa, Jorge Martins Rosa, Paula Gomes-Ribeiro e Rui Magno Pinto

ESCUTAR A SOCIEDADE

Subordinada ao tema “Escutar a sociedade”, a VII Jornada Música, Media e Públicos – Portugal, 1974 à atualidade propõe-se a aprofundar a reflexão sobre a sociedade portuguesa contemporânea. Partindo do período pós-1974 e entendendo a música e os media como práticas sociais, o encontro convoca abordagens que interrogam os modos de produção, circulação e receção da música em diferentes contextos mediáticos, bem como os processos de constituição dos públicos, das experiências de escuta e das formas de mediação cultural, em diálogo com transformações sociais, políticas e tecnológicas mais amplas.

A Jornada reúne investigadores e estudantes em diferentes fases de formação e de desenvolvimento do trabalho científico, promovendo um espaço intergeracional e interdisciplinar assente na exigência crítica, na partilha de perspetivas e na construção coletiva do conhecimento. A diversidade de percursos, experiências e objetos de estudo é entendida como parte constitutiva do debate científico, contribuindo para uma reflexão informada e plural sobre música, media e públicos, num contexto marcado por profundas transformações culturais e tecnológicas.

A Jornada problematiza os regimes de valor e legitimação que historicamente estruturaram a vida musical, interrogando os modos como diferentes práticas são classificadas, hierarquizadas e reconhecidas em contextos institucionais, mediáticos e sociais. Ao invés de operar a partir de categorias fixas ou dicotómicas, o encontro propõe analisar a música enquanto fenómeno social e cultural plural, considerando em pé de igualdade práticas artísticas, mediáticas e quotidianas, bem como os seus contextos de produção, circulação e receção. Esta perspetiva permite igualmente valorizar formas diversas de património musical — material e imaterial —, incluindo arquivos informais, memórias individuais e coletivas e práticas culturais frequentemente marginalizadas nos discursos oficiais.

Num contexto marcado pela crescente centralidade das tecnologias digitais, a Jornada incentiva ainda a reflexão crítica sobre o uso de ferramentas digitais na investigação, na mediação cultural e na preservação da memória musical, bem como sobre o impacto das plataformas e dos media digitais na construção dos públicos e das práticas de escuta. Entendida aqui não apenas como ato sensorial, mas como ferramenta analítica, a escuta constitui um modo privilegiado de apreender tensões, continuidades e transformações sociais. Ao articular música, media e públicos enquanto dimensões centrais da vida social, esta edição propõe-se contribuir para uma compreensão situada das transformações culturais, políticas e comunicacionais da sociedade portuguesa no período pós-1974, reforçando a ligação entre investigação académica, património cultural, inovação metodológica e debate público.

Direção Científica
Paula Gomes-Ribeiro

22 de Janeiro

09h00 - 09h30

Sessão de abertura

09h30 - 11h00

Teoria crítica e o passado reflexivo da democracia cultural

Moderação:
Paula Gomes-Ribeiro

Joana Teles

A escuta como ato consciente: Mário Vieira de Carvalho e a construção de uma audição crítica nas vésperas da democracia

Ângela Flores Baltazar

Divulgação musical no período pós-revolucionário: A questão da democratização cultural enquanto projecto falhado

Luís Neiva

"Sempre fomos modernos": Perspectivas sobre a Interpretação Historicamente Informada

11h00 - 11h30: *Coffee-break*

11h30 - 13h00

Instituições, programação musical e públicos

Moderação:
João Figueiredo
Costa

Rafaela Jordan

Entre filosofia e programação: Continuidades e reconfigurações no Serviço Educativo da Casa da Música (2006 – 2010 / 2023 – 2026)

Gustavo Silva

Reflexão sobre o modelo de democratização da Orquestra Sem Fronteiras

Marta R. Pereira

What's trending? - Estratégias de comunicação empregues pelo TNSC fora de portas

13h00 - 14h30: **Pausa para Almoço**

14h30 - 15h00

Janela audiovisual

Excertos audiovisuais de arquivo propõem um momento de observação e escuta sem formato prescrito.

15h00 - 16h30

Descentralização cultural

Moderação:
Rui Magno Pinto

Isabel de Sousa Mendes

O ensino amador de música como pilar da sustentabilidade cultural no município da Praia da Vitória: o caso da Filarmónica União Praiense

Tatyana Gomes e Natália Azevedo

Cantar por tudo e por nada: Música tradicional portuguesa e reconstrução de laços sociais na pós-modernidade

Ezequiel Arrais

A vida musical de Castelo Branco: Um caso de municipalização

16h30 - 17h00: *Coffee-break*

17h00 - 18h00

Escutas cruzadas - Em diálogo

Maestro António Victorino D'Almeida

Mediação musical e serviço público

Conversa conduzida por **Ângela Flores Baltazar**

23 de Janeiro

09h00 - 09h30

Receção aos participantes

09h30 - 10h30

Práticas de escuta, co-criação e mediação institucional

Moderação:
Cristiane Nogueira

Ana Isabel Pereira, Helena Rodrigues, Jorge Graça e Paulo Maria Rodrigues

Escutar para co-criar: Práticas de escuta social no trabalho da Companhia de Música Teatral

Vera Inácio Cordeniz

Entre práticas e políticas: Experiências de escuta na investigação e gestão de ciência

10h30 - 11h00: *Coffee-break*

11h00 - 12h00

Escutas cruzadas - Em diálogo

Professor Paulo Maria Rodrigues

Pensar a mediação cultural/musical

Conversa conduzida por **Rafaela Jordan e Marta R. Pereira**

12h00 - 14h00: **Pausa para Almoço**

14h00 - 15h30

Plataformas e meios de escuta musical

Moderação:
Jorge Martins Rosa

Simão Quinta

The End of an Era: Canais de Música em Portugal

Rui Pereira Jorge

Qual o papel de uma micro-editora na era do *streaming*? Estudo de alguns casos no contexto da música contemporânea

Fernando Baggio

Perceções sobre a escuta musical na geração analógica

15h30 - 15h45: *Coffee-break*

15h45 - 17h00

Plataformas e meios de escuta musical

Moderação:
Ernesto Donoso
Collado

Margarida Maia

«Um clarinete a comer sorvete»: A música no pós-1974 de Salette Tavares

Luís Santana

Antes e depois da máquina: Escuta mediada, mediação cultural e memória sonora na criação musical contemporânea

17h00 - 17h30

Balanço e encerramento

COMUNICAÇÕES



A escuta como ato consciente: Mário Vieira de Carvalho e a construção de uma audição crítica nas vésperas da democracia

Joana Teles

a2021131295@campus.fcsh.unl.pt

Escutar a sociedade é conhecê-la. Se os artistas tinham como objetivo denunciar a sociedade em que se encontravam, os mediadores visavam explicar a todos essa mesma compreensão da sociedade. De forma a contextualizar a ideia que é atualmente propagada da escuta como prática social, a presente pesquisa propõe-se a recuar ao decénio que antecedeu o final do Estado Novo e examinar a mediação de Mário Vieira de Carvalho face a Fernando Lopes-Graça e Jorge Peixinho e a sociedade. Mobilizando um corpus documental de críticas de imprensa, ensaios e folhas de sala da sua autoria, a comunicação analisará como a produção escrita de Vieira de Carvalho operou como dispositivo pedagógico sob a censura vigente, por onde tenta sensibilizar o público destes compositores para uma escuta como ato consciente (Adorno 1938; 1962). Ao analisar as chaves de leitura para a resistência em Lopes-Graça e a vanguarda em Peixinho, durante a exposição, Vieira de Carvalho terá um papel de destaque como o mediador que tentou converter uma receção habitualmente passiva e descontextualizada num ato de exercício crítico durante o período histórico proposto.

PALAVRAS-CHAVE

Mediação crítica; práticas de escuta; conscientização cultural; Mário Vieira de Carvalho; Estado Novo.

Joana Teles (Abrantes, 2003) completou o 8º grau de Flauta Transversal na Escola de Artes do Norte Alentejano em 2021. Destacou-se no Concurso Nano Músicos (2020), obtendo o 3º lugar com a obra "Babel's Tower." Licenciada em Ciências Musicais pela FCSH-UNL (2024), é colaboradora do CESEM, onde realizou uma Bolsa de Iniciação à Investigação no Teatro Nacional de São Carlos. Com experiência no ensino de Educação Musical e participação em várias conferências de Musicologia, frequenta atualmente o Mestrado em Ciências Musicais, na vertente de Musicologia Histórica, desenvolvendo a sua dissertação sobre as dinâmicas de mediação e escuta musical no final do Estado Novo (1963-1973).

Divulgação musical no período pós-revolucionário: a questão da democratização cultural enquanto projecto falhado

Ângela Flores Baltazar

angelaflbaltazar@gmail.com

A democracia constitui um processo estruturalmente inacabado, cuja realização se dá através de negociações sucessivas das relações sociais e culturais. Partindo desta premissa, esta comunicação recorre à análise sociológica desenvolvida por Pierre Bourdieu para questionar os

limites da democratização cultural no contexto português pós-revolucionário. O estudo centra-se em programas de divulgação musical da RTP – *Histórias da Música*, *Melomania* e *Vida e Obra* –, concebidos com o objectivo de alargar o acesso à música erudita através da televisão. Argumenta-se que estes programas estavam estruturalmente destinados a falhar enquanto processos de democratização plena, não por insuficiência de intenções igualitárias, mas porque a reprodução das relações de distinção opera frequentemente a níveis que escapam à reflexão consciente. Como refere Bourdieu, os reposicionamentos no campo resultam de disposições incorporadas que persistem para além dos discursos de acessibilidade cultural. Este processo é analisado através do conceito de *hysteresis*, entendido como o desfazamento entre um campo cultural transformado pelo processo revolucionário e disposições do *habitus* ancoradas em lógicas anteriores, evidenciando a reprodução e preservação do capital cultural pelas elites.

PALAVRAS-CHAVE

Democratização; televisão; divulgação musical; mediação

Ângela Flores Baltazar é natural de Torres Vedras e concluiu o conservatório na Escola de Música Luís António Maldonado Rodrigues. Prosseguiu os seus estudos em violino a nível superior na Academia Nacional Superior de Orquestra. Atualmente, é doutoranda em Ciências Musicais no ramo de Musicologia Histórica na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova, com uma bolsa financiada pela FCT. É colaboradora do Centro de Estudos em Música (FCSH-CESEM) no Grupo de Teoria Crítica e Comunicação (GTCC) e na Linha de Estudos em Género e Música (NEGEM). Tem focado o seu trabalho investigativo no estudo de ações democratizantes da música clássica, particularmente em processos de divulgação e descentralização cultural nas décadas de 1970 e 1980 em Portugal. Paralelamente, tem mantido uma atividade profissional como violinista e colaborado em diversos projetos artísticos interdisciplinares como música, performer e intérprete.

“Sempre fomos modernos”: Perspectivas sobre a Interpretação Historicamente Informada

Luís Neiva

luisandreneiva@gmail.com

Esta comunicação propõe uma problematização histórica e conceptual de duas orientações distintas da chamada Interpretação Historicamente Informada (IHI) e da sua implementação no contexto português actual. A partir de uma leitura crítica da historiografia e dos discursos performativos associados a este movimento, analisa-se, por um lado, uma concepção da IHI, dominante ao nível das instituições de ensino, orientada para a reconstrução normativa de práticas performativas; e, por outro, uma abordagem mais centrada na prática artística, que entende a performance como um espaço de mediação crítica entre passado e presente, privilegiando a dimensão interpretativa e a historicidade do próprio gesto performativo. Partindo das limitações de cada uma destas abordagens, propõe-se uma alternativa informada

pelo pensamento de Aby Warburg, Walter Benjamin, Slavoj Žižek e Jacques Lacan, na qual o passado é entendido como estruturado em torno de uma falta constitutiva, e a interpretação como um acto no qual o sujeito se encontra inevitavelmente implicado.

PALAVRAS-CHAVE

IHI; música antiga; subjectividade

Luís Neiva é performer e investigador. A sua actividade situa-se nas intersecções entre a Musicologia Histórica, a Filosofia e a Psicanálise.

Actualmente é doutorando em Ciências Musicais na NOVA FCSH, bolseiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia e investigador no Centro de Estudos em Música (CESEM). É também cofundador da associação Spirit is a Bone, dedicada à divulgação do pensamento lacaniano em articulação com disciplinas que vão da Música Antiga à Arte Contemporânea e à Teoria Crítica.

Em 2023 completou o Mestrado em Estudos Avançados em Ensemble Vocal na Schola Cantorum Basiliensis (Suíça), depois de ter concluído, em 2022, o Mestrado em Interpretação de Música Antiga (Renascimento – Romântico), na mesma instituição.

Entre filosofia e programação: continuidades e reconfigurações no Serviço Educativo da Casa da Música (2006 – 2010 / 2023 – 2026)

Rafaela Jordan

a2021132919@campus.fcsh.unl.pt

Esta comunicação apresenta resultados intermédios de uma investigação de mestrado centrada no Serviço Educativo da Casa da Música, analisado enquanto projeto institucional de programação e mediação musical num recorte longitudinal entre 2005 e 2026. O estudo assenta num núcleo empírico aprofundado nas temporadas de 2023 – 2026, para as quais foi já realizada uma análise sistematizada da programação, a partir da construção de uma base de dados própria.

Partindo deste trabalho empírico consolidado, a comunicação propõe confrontar os princípios orientadores explicitados por Paulo Maria Rodrigues durante o período fundacional do Serviço Educativo (2006 – 2010) com a programação efetivamente desenvolvida no período recente. A análise procura compreender em que medida esses princípios se mantêm reconhecíveis, se transformam ou se reconfiguram na programação atual, tendo em conta os formatos, os públicos e os modos de conceção das atividades. Sem pretender esgotar uma reflexão teórica sobre mediação musical, a comunicação propõe uma leitura comparativa que contribui para pensar, com este objeto de estudo, a continuidade e a transformação dos projetos educativos em instituições musicais contemporâneas.

PALAVRAS-CHAVE

Serviço Educativo; programação musical; filosofia institucional; mediação musical; Casa da Música

Rafaela Jordan de Almeida Gomes (n. 2002, Garenne-Colombes, França) é estudante do Mestrado em Ciências Musicais – Musicologia Histórica, na NOVA FCSH, instituição onde concluiu a Licenciatura em Ciências Musicais. Desenvolve investigação nas áreas da mediação musical, públicos, comunicação cultural e programação de instituições musicais. Apresentou comunicações em várias edições das Jornadas Música, Média e Públicos e integra a comissão organizadora desde a VI edição. Realizou estágios académicos no Centro Cultural de Belém e no âmbito do programa Erasmus+. Desde 2024, é colaboradora do CESEM (SociMus) e do projeto Música, Média e Públicos (MMP).

Reflexão sobre o modelo de democratização da Orquestra Sem Fronteiras

Gustavo Silva

a2023122030@campus.fcsh.unl.pt

A Orquestra Sem Fronteiras, criada em 2019, desenvolve a sua atividade maioritariamente em territórios do interior do país, assumindo como eixo central a descentralização da música erudita. Em 2022, o projeto foi distinguido com o Prémio Carlos Magno para a Juventude, reconhecimento que valoriza iniciativas associadas à promoção da democracia e da participação cívica. Partindo das características concretas deste projeto, esta comunicação procura interrogar que tipo de democratização cultural é produzido pela atuação da OSF. Para além da circulação de concertos fora dos grandes centros urbanos, a orquestra mobiliza um conjunto de dispositivos complementares, nomeadamente o recurso a ferramentas digitais (*podcasts*, transmissões em direto) e o desenvolvimento de ações formativas, como palestras e *masterclasses*. A partir da análise destas práticas, discute-se se a OSF opera sobretudo uma descentralização territorial do acesso à música erudita ou se contribui para uma redefinição mais ampla das relações entre música, território e públicos. Este estudo de caso permite, por fim, refletir sobre os modelos de democratização cultural presentes nas políticas culturais em Portugal no período pós-2019.

PALAVRAS-CHAVE

Orquestra Sem Fronteiras; democratização; descentralização; políticas culturais

Gustavo Silva é finalista da Licenciatura em Ciências Musicais na NOVA FCSH. Ao abrigo do programa Erasmus+, esteve um semestre na Universidade de Southampton. Como bolseiro Novos Talentos da FCG e sob orientação do professor João Pedro Cachopo, desenvolveu uma

investigação intitulada «Os Paradoxos da Autenticidade na Interpretação Musical». Paralelamente, face à sua vertente prática (concluiu o 8º grau de piano), realizou estágio curricular no projeto «Filarmónica Enarmonia» (ensino da música a pessoas cegas ou com baixa-visão), orientado pelo professor Rui Magno Pinto. Atualmente é também colaborador do Núcleo de Pensamento e Música do CESEM.

***What's trending?* - Estratégias de comunicação empregues pelo TNSC fora de portas**

Marta R. Pereira

a2020128740@campus.fcsh.unl.pt

As normas de contingência aplicadas para conter a epidemia de COVID-19 tiveram um impacto significativo nas dinâmicas culturais em Portugal, incluindo a atividade concertística sinfónica. No âmbito da resposta europeia à crise pandémica, foi aprovado em 2021 o investimento RE-C04-i02 - Património Cultural, que integrou a Requalificação dos Teatros Nacionais. O Teatro Nacional de São Carlos (TNSC) foi beneficiário direto de uma empreitada de restauro, requalificação e modernização, implicando o encerramento temporário da sua sala a partir da temporada 2024/25.

Confrontado com a necessidade de conceber uma temporada fora de portas, o TNSC adotou novas soluções programáticas e estratégias de mediação, destacando-se o reforço da comunicação digital, com maior presença nas redes sociais e a incorporação de formatos associados à cultura de massas. Esta comunicação analisa as estratégias de comunicação digital implementadas pelo TNSC durante a temporada 2024/25, assinalando iniciativas programáticas relevantes na medida em que enquadram essas estratégias. A análise discute o papel dos meios digitais na mediação cultural, à luz da reflexão de Jeremy Morris (2013), e no contexto das transformações de hábitos de consumo musical no período pós-pandémico.

PALAVRAS-CHAVE

Programação musical; redes sociais; públicos; hábitos de consumo musical; Teatro Nacional de São Carlos

Marta Rodrigues Pereira está a concluir o mestrado em Ciências Musicais (especialização em Musicologia Histórica) na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa, onde concluiu a licenciatura em 2023. Tem desenvolvido investigação nas áreas da crítica de fontes e da produção e receção musical, com especial interesse pela oferta concertística contemporânea em Lisboa. Colaborou com o projeto Catálogo do Fundo Musical do Palácio Nacional de Mafra (CESEM) e com o projeto Música, Media e Públicos em Portugal de 1974 à Atualidade (Núcleo SociMus - CESEM). Integrou ainda a equipa responsável pela descrição documental de manuscritos musicais da Biblioteca Nacional de Portugal. Desde setembro de 2023, exerce funções como vice-presidente da Associação Crescer (Ser) Casa, no âmbito da Componente de Apoio à Família da Escola Básica de Unhos.

O ensino amador de música como pilar da sustentabilidade cultural no município da Praia da Vitória: o caso da Filarmónica União Praiense

Isabel de Sousa Mendes

a2023121646@campus.fcsh.unl.pt

Esta comunicação visa aferir de que modo o ensino musical amador vigente na Banda Filarmónica União Praiense contribui para a sustentabilidade artístico-cultural do município da Praia da Vitória, no contexto da sociedade açoriana contemporânea. A partir de uma perspetiva sociológica, o estudo procura compreender como a filarmónica, enquanto instituição musical local, atua na formação de públicos, na legitimação de práticas musicais e na construção de dinâmicas regionais de coesão cultural. Com efeito, o ensino musical amador é abordado não apenas como um espaço didático, mas como dispositivo de mediação e organização social, promovendo modos específicos de escuta, sociabilidade e comunicação artístico-musical. Metodologicamente, a investigação assenta numa abordagem qualitativa, recorrendo à aplicação de um questionário anónimo aos músicos da instituição, complementado por uma entrevista ao diretor da escola de música. Argumenta-se que estas práticas constituem recursos sociais fundamentais para a continuidade e sustentabilidade da vida artística local.

PALAVRAS-CHAVE

Ensino musical amador; sustentabilidade cultural; filarmónicas; mediação cultural; novos públicos.

Natural dos Açores, Isabel Mendes iniciou o seu percurso musical na Banda Filarmónica União Praiense. Em 2023, concluiu o curso profissional de Instrumentista de Sopros e Percussão na Escola Profissional Artística do Vale do Ave. Em 2024, foi bolseira de iniciação à investigação no âmbito do projeto estratégico entre o CESEM – Centro de Estudos em Música e o Teatro Nacional de São Carlos, onde desenvolveu atividade científica nas áreas da arquivologia e da gestão do património musical. Atualmente, é estudante finalista da licenciatura em Ciências Musicais na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, tendo também frequentado o programa Erasmus+ na Universidade de Bolonha.

Cantar por Tudo e por Nada: Música Tradicional Portuguesa e Reconstrução de Laços Sociais na Pós-Modernidade

Tatyana Gomes

up202400142@up.pt

Natália Azevedo

nazevedo@letras.up.pt

A comunicação corresponde a um projeto em desenvolvimento da dissertação final do Mestrado em Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Partindo de uma convergência entre a sociologia e a musicologia, a pesquisa procura contribuir para a compreensão das formas culturais contemporâneas de reconstrução comunitária, analisando a música tradicional portuguesa enquanto promotora de vínculos, valores partilhados, memória coletiva e sentidos de pertença. No contexto pós-moderno marcado pela fragmentação identitária, pelo isolamento social e pela instabilidade das relações sociais, parte-se do pressuposto de que a participação nestas práticas culturais desempenha um papel ativo na recomposição do social, funcionando como espaço de partilha e de reconhecimento mútuo. Metodologicamente, adota-se uma abordagem qualitativa, assente em três estudos de caso (grupos de música tradicional portuguesa do Norte de Portugal), com a realização de observação participante, de entrevistas semiestruturadas aos integrantes e análise de fontes documentais.

PALAVRAS-CHAVE

Música tradicional portuguesa; identidade e pertença; pós-modernidade; reconstrução comunitária

Tatyana Simão Gomes: Licenciada em Ciências Musicais pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, na Universidade NOVA de Lisboa (2020-2023). Realizou um estágio voluntário no International Council for Traditional Music (julho de 2022) e um estágio curricular no projeto “Música, Media e Públicos em Portugal 1974-2010” (fevereiro a junho de 2023). Concluiu uma pós-graduação em Comunicação de Cultura e Indústrias Criativas na NOVA FCSH (2023-2024). Atualmente, frequenta o 2.º ano do Mestrado em Sociologia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Participou em dois Erasmus+ BIP Summer School, na Universidade de Pavia (junho 2025) e na Universidade de Nuremberga (julho 2025).

Natália Azevedo: Professora Auxiliar do Departamento de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Investigadora Integrada do Instituto de Sociologia da Universidade do Porto, Grupo de Investigação “Recomposições Sociais, Cultura e Território”, Subgrupo de investigação “Criação Artística, Práticas e Políticas Culturais”.

Doutorada, Mestre e Licenciada em Sociologia pela FLUP (2007, 1997 e 1992). Áreas de pesquisa: Culturas e Artes. Práticas Culturais e Artísticas (Criação, Receção e Mediação). Políticas Culturais (contexto europeu, nacional e municipal). Educação, Artes e Inclusão Social. Diagnóstico, Monitorização e Avaliação de Programas e Projetos de Intervenção Social. Turismo: Políticas, Práticas e Processos.

A vida musical de Castelo Branco: um caso de municipalização

Ezequiel Arrais

earrais15@gmail.com

O tema que proponho para esta comunicação é a “Vida Musical de Castelo Branco (2013-2025)” a partir da perspetiva da municipalização aliada à descentralização que proporcionou uma transferência de competências culturais para o nível municipal ainda no século XX, ou seja, conferiu maior autonomia aos municípios, permitindo-lhes inovar na gestão cultural, mas também acentuando desigualdades entre territórios com diferentes recursos financeiros e técnicos. A nível metodológico, a pesquisa é traçada em três grandes planos: a análise da programação cultural e um conjunto de entrevistas ao programador, ao chefe de divisão da cultura e ao presidente do presente executivo. Ambos os planos estão aliados ao cruzamento de dados e à reflexão dos conceitos teóricos. Em suma, o objetivo é ter uma visão detalhada e analítica da vida musical da cidade albacastrense e obter conclusões relevantes no âmbito da municipalização e políticas culturais.

PALAVRAS-CHAVE

Vida musical; Castelo Branco; municipalização; descentralização; políticas culturais

Ezequiel Domingues Costa Arrais nasceu a 7 de Fevereiro de 2001, em Castelo Branco. Iniciou os seus estudos musicais com 11 anos de idade no Conservatório Regional de Castelo Branco e ingressou na Classe de Órgão da Professora Lídia Correia onde completou no ano letivo 2019/2020 o 8º Grau do curso secundário de instrumento. No âmbito da classe de conjunto, gravou com o coro Vox mini e vox mix o CD Charadas da Bicharada. Atualmente, está a realizar o mestrado de Musicologia Histórica e explora, principalmente, o campo da sociologia da música, tendo como foco na sua investigação a Vida Musical de Castelo Branco.

Escutar para Co-criar: Práticas de Escuta Social no trabalho da Companhia de Música Teatral

Ana Isabel Pereira (Helena Rodrigues, Jorge Graça, Paulo Maria Rodrigues)

anapereira@fcsh.unl.pt

Propõe-se uma análise áudio-visual da peça PaPI – Opus 8.z da Companhia de Música Teatral, desenvolvida especificamente para a plataforma Zoom e, neste exemplo, destinada a crianças e respetivos cuidadores. Entende-se esta peça como um laboratório de escuta mediada onde se cruzam experimentação sonora, performance, e construção de públicos. Através da análise crítica dos excertos audiovisuais, o trabalho explora como a escuta é encenada como prática ativa, corporal e relacional, envolvendo artistas e participantes em processos de co-criação. Os excertos selecionados permitem observar dispositivos de escuta que deslocam o espectador

para o papel de participante, evidenciando a centralidade do gesto, do objeto sonoro e da interação social na emergência do som. A apresentação reflete ainda sobre o papel do registo audiovisual enquanto mediação, discutindo de que forma a imagem e o som reconfiguram a experiência da escuta e a memória da performance.

PALAVRAS-CHAVE

PaPI – Opus 8.z; co-criação; Companhia de Música Teatral; registo audiovisual

Ana Isabel Pereira é professora auxiliar da NOVA FCSH e membro integrado do CESEM. Participou em várias iniciativas dos projetos da Companhia de Música Teatral — Opus Tutti, GermlnArte e z.Lab Mil Pássaros —, desempenhando diversos papéis: participante, relatora e formadora. Em GermlnArte foi responsável pela implementação de várias edições da Formação Transitiva em Arte para a Infância em todo o país. Tem interesse no estudo da aprendizagem e do desenvolvimento musical e da avaliação do desempenho vocal na infância. É coordenadora do Grupo de Educação e Desenvolvimento Humano do CESEM, do Mestrado em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico e co-coordenadora da Pós-Graduação Música na Infância: Intervenção e Investigação na NOVA FCSH. Entre 2015 e 2024, foi professora convidada na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Lisboa.

Helena Rodrigues é professora associada com agregação da NOVA FCSH e membro integrado do CESEM, tendo fundado o Laboratório de Música e Comunicação na Infância, em 2009. Com uma formação de base nas áreas da Psicologia e da Música — Edwin Gordon e Colwyn Trevarthen foram influências relevantes no seu percurso —, tem-se interessado também pelas áreas do teatro físico e dos efeitos terapêuticos da música. O conjunto destes e outros saberes têm-na levado a formular uma proposta alternativa de formação. Foi Researcher Fellow da Royal Flemish Academy of Belgium for Science and the Arts. É membro fundador da Companhia de Música Teatral e tem participado na interpretação e/ou na conceção dos trabalhos do grupo. Entre outros, coordenou os Projetos Opus Tutti e GermlnArte. É coordenadora adjunta do Grupo de Educação e Desenvolvimento Humano do CESEM e co-coordenadora da Pós-Graduação Música na Infância: Investigação e Intervenção da NOVA-FCSH.

Jorge Graça é doutorado em Música na Comunidade pela NOVA FCSH e investigador no CESEM, onde desenvolve investigação em projetos de Música na Comunidade. Mestre em Ensino da Música (Saxofone) pela Universidade de Aveiro (2016), lecionou Saxofone, Classe de Conjunto e Música e Tecnologias Informáticas no Conservatório de Música David de Sousa (2014–2020). Saxofonista, compositor e “inventor”, atualmente dedica-se a projetos a solo que integram música eletrónica e tecnologias de performance. Desenvolve práticas artísticas multidisciplinares e cria instrumentos e interfaces musicais inclusivos, adaptados a diferentes capacidades, com recurso a tecnologias digitais. Colabora regularmente com a Companhia de Música Teatral em projetos artísticos e educativos, incluindo “Pianoscópio”, “O Céu por Cima de Cá”, “Canção da Terra”, “Com Palavras Amo” e “Cartografia Sonora Imaginária”, participando como intérprete, músico, assistente de produção e criador de objetos e paisagens sonoras para instalações artísticas.

Paulo Maria Rodrigues é professor auxiliar do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro. Compositor, intérprete, e educador, colaborou com artistas de diversos campos e esteve à origem de vários projetos transdisciplinares, entre os quais Bach2Cage e a Companhia de Música Teatral (CMT), do qual é diretor artístico. Com a CMT tem desenvolvido projetos artísticos e educativos que emergem de incursões da música nos territórios de outras linguagens artísticas e tecnológicas. Entre 2006 e 2010, foi Coordenador do Serviço Educativo da Casa da Música, tendo sido responsável por um vasto programa de atividades que se caracterizou pela abrangência de públicos e pela diversidade de propostas de relação com a música. Foi professor convidado na Escola das Artes da Universidade Católica do Porto e Advanced Associate Researcher do Planetarium Collegium.

Entre práticas e políticas: experiências de escuta na investigação e gestão de ciência

Vera Inácio Cordeniz

vera.cordeniz@fcsh.unl.pt

Esta apresentação parte de uma investigação doutoral em Educação Artística, centrada em práticas musicais participativas, de modo a reflectir sobre a escuta como prática situada, relacional e política. Através de uma abordagem autoetnográfica, a escuta foi mobilizada como dispositivo de análise e de co-presença nos territórios de investigação, mas também como modo de estar na construção de conhecimento. Partindo da experiência em gestão de ciência, proponho uma leitura crítica sobre como as estruturas institucionais escutam (ou silenciam) e sobre o papel da mediação científica na criação de espaços plurais de produção de saber. A proposta convida a pensar a escuta como princípio transversal, que liga práticas musicais, investigação e modos de organizar o trabalho científico.

PALAVRAS-CHAVE

Escuta; educação artística; autoetnografia; gestão de ciência; práticas participativas

Gestora de ciência do CESEM (Centro de Estudos em Música) desde 2015, assegurando a gestão financeira e administrativa da unidade de investigação. É doutorada em Educação Artística (Doutoramento em associação, entre a Universidade do Porto e a Universidade de Lisboa, através das suas Faculdade de Belas-Artes e Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto; Faculdade de Belas-Artes e Instituto de Educação da Universidade de Lisboa) com a tese "Uma democratização do Ensino Musical – A Escola a tempo inteiro e o enriquecimento curricular: implementação, orientações e perceções" (Aprovada com Distinção e Louvor, por unanimidade). Licenciada em Ciências Musicais (pré-Bolonha), mestre em Ciências Musicais-Musicologia Histórica, pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (NOVA FCSH), tem também uma Pós-Graduação em Gestão e Políticas de Ciência e Tecnologia pela NOVA FCSH. Interessa-se pelos

estudos e relações entre arte, educação e política, com enfoque em práticas musicais participativas e também pelos desafios da gestão de ciência e políticas científicas em contextos académicos e comunitários.

The End of an Era: Canais de Música em Portugal

Simão Quinta

a2022128704@campus.fcsh.unl.pt

Esta comunicação tem como estudo de caso o canal *MCM Top*, centrando-se na sua programação musical enquanto uma estratégia de curadoria contemporânea. Neste sentido, será analisada a estrutura da grelha de programação, tal como os principais blocos temáticos e a relação entre a programação global do canal e o público português.

Numa primeira fase, irá ser apresentado um enquadramento histórico, incidindo sobre o desenvolvimento e proliferação dos canais especializados em música. A partir da contextualização, discutir-se-ão as transformações nos seus objetivos editoriais, tal como as alterações nas grelhas de programação, enquanto resposta às mudanças nos hábitos de consumo musical. Estas transformações, no panorama atual, encontram-se marcadas pela centralidade das plataformas de *streaming* e pelo crescente consumo e procura dos conteúdos em regime *on-demand*.

PALAVRAS-CHAVE

Televisão musical; *MCM Top*; programação musical; Portugal

Terminou a Licenciatura em Ciências Musicais, na NOVA FCSH, em 2025, tendo estagiado no Laboratório de Preservação e Restauro de Áudio (LaPRA), com a orientação da Professora Doutora Isabel Pires. Atualmente, prossegue estudos na mesma instituição, no Mestrado em Artes Musicais. Os seus interesses de investigação centram-se na Preservação Musical e na Sociologia da Música, integrando o Grupo de Investigação em Música Contemporânea (GIMC) do Centro de Estudos Em Música (CESEM), desde 2023.

Qual o papel de uma micro-editora na era do *streaming*? Estudo de alguns casos no contexto da música contemporânea

Rui Pereira Jorge

rpjmail@gmail.com

Assistimos a uma mudança radical na distribuição da música, caracterizada pela ideia central de que o ouvinte paga pelo acesso e não pelo suporte material. O que poderíamos classificar como uma passagem do físico para o virtual, e do disco para a nuvem. Entre as várias questões levantadas por este desafio, uma das mais debatidas é a de se perceber como esta mudança

de paradigma significou algo substancialmente diferente no que diz respeito aos critérios de edição, no caso específico de géneros com menos impacto comercial como a música electroacústica ou a música contemporânea.

Nesta apresentação ensaiamos contribuir para a discussão, investigando casos nos quais se constata que, dadas as características técnicas e conceptuais desses géneros, há uma procura por formas complementares de obtenção de dividendos. Como o regresso aos suportes tradicionais – cassetes ou vinis – aproveitando a procura por objetos tangíveis e inserindo-a em estratégias comerciais mais amplas.

PALAVRAS-CHAVE

Micro-editoras; *streaming*; edição musical; merchandising; música contemporânea

Rui Pereira Jorge é professor e investigador. Com formação na área da filosofia e do ensino, possui também formação musical e em edição de som. Tem exercido a sua actividade docente em licenciaturas e mestrados das áreas das ciências musicais, sound design e ensino, onde tem orientado teses de doutoramento e mestrado e estágios e projectos finais de licenciatura. Membro integrado do CESEM, realizou trabalhos como músico, editor de som, editor de imagem e realizador. Paralelamente, tem desenvolvido investigação sobre musicologia, estética e ensino de música, com publicação de artigos e participação em conferências nacionais e internacionais.

Perceções sobre a escuta musical na Geração Analógica

Fernando Baggio

a2024105492@campus.fcsh.unl.pt

Este artigo deriva de uma investigação de mestrado em Artes Musicais que analisa como músicos nascidos antes de 1980 percebem as transformações da escuta musical na Era Digital. Denominamos este grupo “Geração Analógica”, formada por indivíduos cuja formação e prática ocorreram sob predominância de meios analógicos. A pesquisa utiliza entrevistas semiestruturadas, explorando perceções sobre mudanças na escuta, curadoria algorítmica e inteligência artificial. Questões como liberdade, autonomia e controle emergem como categorias centrais, revelando tensões entre práticas herdadas e novas lógicas digitais. A investigação adota uma abordagem qualitativa, interpretativa e fenomenológica, baseada na Grounded Theory construtivista. Esta coorte é particularmente relevante por ter experienciado uma plataforma existencial distinta, permitindo compreender deslocamentos sensíveis na relação com a música. O recorte é de músicos profissionais formados e que trabalharam nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Articula-se, porém, com Portugal, no sentido de provocar reflexão acerca do tema e do objeto em território nacional português. A proposta do paper é apresentar fragmentos dessas entrevistas, destacando impressões sobre a escuta e seus desdobramentos no contexto contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE

Era digital; geração analógica; escuta musical; algoritmos; IA

Fernando Baggio é músico, compositor e mestrando em Artes Musicais na NOVA FCSH (Universidade Nova de Lisboa), onde investiga como a Geração Analógica percebe as transformações trazidas pela era digital. Sua pesquisa articula filosofia da técnica (Heidegger, Byung-Chul Han, Yuk Hui) com estudos críticos sobre plataformização da música e curadoria algorítmica. Como artista, explora a intersecção entre tradição e contemporaneidade. É autor do livro *Samba de Bateria: A linguagem do samba para bateristas e percussionistas* (2020, Ed. Tipografia Musical), obra de referência que dialoga com sua prática como baterista e diretor de carnaval.

«Um clarinete a comer sorvete»: a música no pós-1974 de Salette Tavares

Margarida Maia

a.margarida.maia@gmail.com

A poesia experimental portuguesa surgiu na década de 1960 como forma de resistência aos lugares-comuns e ao simbolismo decadente impostos pelo regime ditatorial. Poeta experimental da primeira geração, Salette Tavares insurgiu-se contra «a argúcia da censura» (Tavares 1995, 18) através da relação da escrita com outros códigos e artes, incluindo a música. Após o 25 de abril de 1974, reivindicou «o som» e «a voz da palavra» como veículo para a livre circulação de todas as ideias por «aedos e trovadores» (Tavares 1980, 31). Ainda que claramente latente na sua obra, a relação de Salette Tavares com a música não tem sido objeto de investigação sistemática.

Como parte de um projeto mais abrangente, proponho identificar e analisar criticamente as referências à música e aos músicos, explícitas e implícitas, em todos os seus poemas e ensaios do período pós-1974, explorando de que forma operam como dispositivos intermediais na sua obra.

Tavares, Salette. 1980. “Voz” in *Exposição de Poesia Experimental Portuguesa PO.EX.80*, 28–31. Lisboa: Galeria Nacional de Arte Moderna – Belém.

Tavares, Salette. 1995. “Carta de Salette Tavares para Ana Hatherly” in *Poesia Gráfica*, 16–19. Lisboa: Casa Fernando Pessoa.

PALAVRAS-CHAVE

Análise de conteúdo; intermedialidade; literatura; poesia experimental portuguesa; Salette Tavares

Margarida Maia é doutorada em Ciências Biomédicas, mas tem cultivado um percurso paralelo na música e nas artes, motivada pelo diálogo entre disciplinas e pela curiosidade em explorar novas formas de expressão. Atualmente, tem especial interesse na obra de Salette Tavares e nas relações intermediais entre a escrita e o som.

Antes e depois da máquina: escuta mediada, mediação cultural e memória sonora na criação musical contemporânea

Luís Vicente Santana

a2025115342@campus.fcsh.unl.pt

Esta comunicação-performance propõe uma reflexão sobre a escuta enquanto prática social e mediada, a partir da apresentação performativa de um processo concreto de criação musical, baseado em material sonoro gerado por sistemas e plataformas de música com inteligência artificial e posteriormente transformado em estúdio. A apresentação organiza-se como um percurso de escuta que expõe diferentes momentos do processo criativo, desde o prompt inicial, passando por versões geradas, rejeitadas ou solicitadas com modificações, pela seleção de vozes principais e secundárias, pela construção instrumental em estúdio, até à versão final da obra.

A performance integra-se no próprio argumento crítico, funcionando como meio de análise e problematização dos gestos de mediação, seleção, curadoria, edição e recomposição através dos quais o material algorítmico adquire estatuto musical e valor cultural. Ao tornar audível o processo como arquivo vivo de decisões e memórias sonoras informais, a comunicação interroga os modos como plataformas digitais, agentes de mediação e práticas de estúdio configuram formas de escuta, legitimação e constituição dos públicos na criação musical contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE

Escuta mediada; comunicação-performance; mediação cultural; plataformas digitais; memória sonora

Luis Vicente Santana é mestrando em Artes Musicais na NOVA FCSH, onde desenvolve investigação no cruzamento entre criação musical contemporânea, mediação tecnológica e práticas de investigação-criação. É compositor, músico, produtor e docente do ensino público, com experiência consolidada em práticas de estúdio e produção musical mediada por tecnologias digitais. O seu trabalho incide sobre escuta mediada, autoria distribuída e processos criativos híbridos humano-máquina.

JANELA

AUDIOVISUAL



Janela audiovisual

*Between two actions, between two affections,
between two perceptions,
between two visual images,
between two sound images,
between the sound and the visual:
make the indiscernible, that is the frontier, visible.*
- Gilles Deleuze[1]

O VHS, enquanto meio de gravação analógica, impera a sua própria organização do tempo e como este poderá ser percorrido:

caminhamos em frente
ou corremos em direcção ao fim/início.

Podemos parar, avançar ou voltar atrás, mas cumprindo as duas direcções possíveis sem saltos. A fita disponibiliza-se para a necessidade doméstica de reter memórias para que as possamos visitar dentro das regras do caminho analógico --->120 minutos que deverão ser potencializados ao máximo para não termos de comprar outra cassete.

É daqui que nasce o mosaico. É preciso escolher e registar, mas também tomar a decisão sobre o que queremos perder para gravar por cima. A precisão é difícil, as decisões são precipitadas, os cortes desajeitadamente feitos à pressa...

...e os loops nascem de uma curadoria acidentalmente doméstica.

Esta cassete perdida é também um produto de manobras acidentais, que percorremos em linha recta com cortes brutos e amalgamados. Sendo a fita, em si mesma, um suporte vazio, talvez possamos tentar decifrar o que ela revela a partir do que foi inscrito sobre a sua superfície, tornando visíveis lógicas práticas que estruturam esta cassete e que operam menos ao nível da intenção do que ao nível do modo de ver, organizar e repetir. As mesmas imagens do passado, continuam a gerar narrativas que se escrevem através do espectro que se arrasta em sequência do vídeo anterior. Ao percorrer a *assemblage*, pareceram-me emergir persistências temáticas acerca da inerência ideológica das práticas culturais, mas é provável que a conjugação dos conteúdos seja apenas ocasional.

Ângela Flores Baltazar

[1] Gilles Deleuze, Cinema 2: The Time-Image (Minneapolis: University of Minnesota Press, 1989), 179-80.

EM DIÁLOGO



António Victorino D'Almeida: divulgação musical e o serviço público em Histórias da Música (1973-1975)

António Victorino D'Almeida

Conversa conduzida por **Ângela Flores Baltazar**

Em 1973, estreou na RTP um programa sem precedentes no panorama televisivo nacional: Histórias da Música. Enquanto programa de divulgação musical foi concebido num contexto político em que a democracia ainda não existia em Portugal, mas em que se tornava progressivamente evidente a necessidade de pensar a cultura como um bem acessível e partilhado. A ideia de um programa de divulgação musical, inspirado pelos formatos de Leonard Bernstein, circulava nos estúdios da RTP já há algum tempo. A escolha de um jovem músico português, então residente em Viena e dotado de uma excepcional capacidade comunicativa, revelou-se decisiva para a concretização do projecto. Contudo, as limitações orçamentais acabariam por transformar profundamente o formato inicialmente pensado, afastando-o de uma produção institucionalizada e conduzindo-o para uma solução mais artesanal, marcada pela improvisação e pela proximidade com o espaço público.

Recorrendo às ruas como cenário, a truques visuais (quase de ilusionismo) e a um espírito multifacetado, António Victorino D'Almeida construiu um verdadeiro programa «faça-você-mesmo», produzido a partir de Viena para Portugal. Longe de uma transmissão hierarquizada do saber musical, Histórias da Música afirmava-se como um espaço de mediação activa, no qual a narrativa e a performance aproximava a música do espectador e a inscrevia no espaço doméstico e televisivo.

Através das suas histórias, o programa adopta uma abordagem explicitamente dialéctica que, ao subverter ideais falsamente universalistas, reconecta a música com o quotidiano e permite que o gosto surja da própria música, e não de uma obrigação cultural previamente instituída. Isso implica uma forma particular de olhar para o passado, entendendo-o não como algo distante ou fechado, mas a partir da maneira como a música continua a fazer sentido no presente.

A visualização de Histórias da Música constitui, por si só, um exercício de retorno ao passado e por isso o objectivo desta entrevista é reproduzir essa análise, aplicando-a aos próprios programas. Tal como neles a música clássica foi observada num determinado tempo e espaço, também aqui se propõe olhar para essas emissões a partir das formas como hoje são revisitadas, interpretadas e mobilizadas. Trata-se, assim, de um exercício que sublinha uma determinada concepção de cultura e da relação que com ela estabelecemos, necessariamente marcada por mediação, escolhas e enquadramentos, e que é sempre, inevitavelmente, sobre pessoas.

PALAVRAS-CHAVE

Divulgação musical; televisão; mediação; Viena

Nascido em Lisboa a 21 de Maio de 1940, António Victorino d’Almeida foi profundamente marcado pelas referências culturais que o ambiente familiar lhe proporcionou: o seu avô paterno, Achilles d’Almeida, era músico amador, poeta, autor e encenador de peças de teatro e Maria Amélia Goulart de Medeiros, de origem açoreana, mãe do Maestro, iniciou uma curta carreira de cantora lírica. Seu pai, o advogado Victorino d’Almeida, incentivou António, filho único, a desenvolver o gosto pela música. Victorino d’Almeida frequentou o liceu em simultaneidade com o Curso Superior de Piano no Conservatório Nacional de Lisboa. Campos Coelho terá sido o professor de música que mais o influenciou. Concluiu o curso com 19 valores e obteve uma bolsa de estudo do Instituto de Alta Cultura para estudar composição em Viena de Áustria, na Academia de Música. Foi aluno do professor austríaco Karl Schiske, e concluiu esta post-graduação com a mais alta classificação dada por aquela escola: a distinção por unanimidade do júri e consequente prémio especial do Ministério da Cultura da Áustria.

Fixou residência em Viena, onde viveu durante duas décadas, sem contudo deixar de fazer visitas regulares ao seu país. Durante sete anos (1974-1981), foi adido cultural da Embaixada Portuguesa em Viena, cargo que lhe valeu uma condecoração atribuída pelo Presidente da República da Áustria. Em 1989, decide entrar na arena política nacional e apresenta a sua candidatura ao Parlamento Europeu como cabeça de lista pelo MPD/CDE, vaga que não chegou a preencher. Victorino d’Almeida leccionou ainda cursos de musicologia na Universidade do Porto e em Tavira.

A sua carreira como concertista entrou algumas vezes em conflito com a actividade de composição e ambas sofrem da dispersão por áreas aparentemente tão distintas como o cinema, a televisão, a escrita e a rádio. Apesar de ter sempre o tempo muito ocupado, António Victorino d’Almeida privilegia sempre a música, pois considera ser essencialmente um compositor e argumenta que a música é o elo de ligação que dá consistência a tudo o que faz. A sua obra é muito vasta e abrange os mais variados géneros musicais, desde a ópera, à música sinfónica, de câmara, à música para cinema, teatro e fado.

Paulo Maria Rodrigues: Mediação Cultural e Musical

Paulo Maria Rodrigues

Conversa conduzida por **Rafaela Jordan** e **Marta R. Pereira**

A conversa com Paulo Maria Rodrigues parte do seu percurso enquanto compositor, criador e educador, bem como da sua experiência enquanto Coordenador do Serviço Educativo da Casa da Música, para refletir sobre as práticas de mediação cultural e musical em Portugal nas últimas décadas. Tendo desenvolvido projetos artísticos e educativos que cruzam criação musical, performance, educação e tecnologia, o convidado traz uma perspetiva situada sobre a mediação enquanto prática relacional, processual e institucionalmente enquadrada. Conduzida por Rafaela Jordan e Marta R. Pereira, a conversa propõe discutir os desafios,

tensões e possibilidades da mediação cultural no contexto português, interrogando o papel das instituições, das políticas culturais e dos modelos de financiamento na construção de relações significativas entre música e públicos. A partir da experiência profissional do convidado, a mediação é pensada não como um dispositivo acessório, mas como um espaço central de negociação entre criação artística, contextos institucionais e formas de participação cultural.

PALAVRAS-CHAVE

Mediação; instituições de difusão cultural; práticas culturais; públicos

Paulo Maria Rodrigues tem exercido a sua actividade profissional como compositor, cantor, director artístico e educador. Após um percurso académico paralelo em Ciência e Música que o levou a concluir um doutoramento em Genética e Bioquímica na University of East Anglia e uma Pós-Graduação em Ópera na Royal Academy of Music, Londres, enveredou por se dedicar à concepção e direcção de trabalhos no âmbito da Música Teatral. Colaborou com artistas dos mais variados campos e iniciou vários projectos transdisciplinares, entre os quais Bach2Cage e a Companhia de Música Teatral (CMT). Com a CMT tem desenvolvido um conjunto de projectos artísticos e educativos que emergem de incursões da música nos territórios de outras linguagens artísticas e tecnologia. Entre 2006 e 2010 foi Coordenador do Serviço Educativo da Casa da Música, tendo sido responsável por um vasto programa de actividades que se caracteriza pela abrangência de públicos e diversidade de propostas que se centram em formas directas de relação com a música. Os seus projectos artísticos têm sido apresentados em Portugal, Espanha, Bélgica, Polónia, Finlândia, Alemanha, Áustria, Canadá, Dinamarca, Brasil e China e têm constituído a matéria sobre a qual tem reflectido em publicações do foro académico, abordando a questão da arte como instrumento de desenvolvimento humano. Foi Professor Convidado na Escola das Artes da Universidade Católica do Porto, Advanced Associate Researcher do Planetarium Collegium e é Professor Auxiliar do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro.